

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

9 e 18 de Dezembro de 2025

Men with Wings / 1938 Homens com Asas

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Robert Carson, e James Norman Hall, Cecil Lewis, Philip MacDonald, William A. Wellman / *não creditados* *Fotografia* (35 mm, cor Technicolor, 1:1,37): W. Howard Greene *Som* (Western Electric): Gene Merritt, John Cope *Montagem:* Thomas Scott *Direcção artística:* Hans Dreier, Robert Odell *Cenografia:* A. E. Freudeman *Guarda-roupa:* Edith Head *Caracterização:* Wally Westmore *Fotografia aérea:* Wilfrid Cline, Charles Marshall, Elmer Dyer *Efeitos fotográficos especiais:* Gordon Jennings *Processo fotográfico:* Farciot Edouart *Consultor Técnico:* Paul Mantz *Consultora de cor:* Nathalie Calmos *Música original:* W. Franke Harling, Gerard Carbonara *Direcção musical:* Boris Morros *Canção:* “Men with Wings” de Frank Loesser, Hoagy Carmichael *Tema:* “I’m Forever Blowing Bubbles”, *letra* de Jean Kenbrovin (pseudónimo de James Kendis, James Brockman, Nat Vincent), *música* de William Kellette *Investigação:* Gladys Percey *Assistente de realização:* Joseph Youngerman *Interpretação:* Fred MacMurray (Patrick Falconer), Ray Milland (Scott Barnes), Louise Campbell (Peggy Ranson), Andy Devine (Joe Gibbs), Lynne Overman (Hank Rinebow), Porter Hall (Hiram F. Jenkins), Walter Abel (Nick Ranson), Kitty Kelly (Martha Ranson), Virginia Weidler (Peggy em criança), Donald O’Connor (Pat em criança), Billy Cook (Scott em criança), James Burke (J. A. Nolan), Willard Robertson (Major General Hadley), Denis Morgan [Richard Stanley] (Galton), Frank Clarke (Burke), Charles Trowbridge (Alcott), Jonathan Hale (Long) Juanita Quigley (Patricia Falconer, aos 6 anos), Joan Brodel (Patricia Falconer aos 11 anos), Mary Brodel (Patricia Falconer aos 17 anos), etc.

Produção: Paramount (EUA, 1938) *Produtor:* William A. Wellman *Produtor executivo:* William LeBaron *Estreia:* 2 de Agosto de 1938, Paramount, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 31 de Maio de 1939, São Luiz, Lisboa *Título francês:* Les Hommes volant *Cópia:* 35 mm, Technicolor, 105 minutos, versão original em inglês legendada electronicamente em português *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nuvens.

Trio. Aviação. Composição. Num jogo nunca travado com William A. Wellman, as três palavras podiam ramificar uma parte significativa dos seus motivos cinematográficos. A amizade masculina é um traço forte da narrativa de muitos dos seus filmes, muitas vezes declinada em triângulos amorosos com um terceiro vértice feminino que trabalham essa tensão sem quebrar as lealdades fraternas e com o sacrifício das ligações amorosas. Com a vivacidade do Technicolor e a energia dos anos 1930, encontram-se vivas e recomendáveis em MEN WITH WINGS, o único Wellman de 1938, na Paramount, depois da despedida de cavalheiros com David O. Selznick, com quem no ano anterior fizera duas das suas grandes obras, no mesmo processo cromático e com o mesmo director de fotografia W. Howard Greene, A STAR IS BORN, o drama com comédia e tragédia em que põs Hollywood ao espelho, e a fraude vaporosa-hilariante NOTHING SACRED.

Trio. Seguindo as pistas do historiador Frank T. Thompson, a matriz do ponto *trio* encontrar-se-á num título dos primórdios da filmografia Wellman, por ora perdido, NOT A DRUM WAS HEARD, o quarto dos que realizou na Fox, no qual a personagem de um homem perde a amada quando a rapariga prefere o melhor amigo dele, que entretanto rouba dinheiro do banco onde trabalha e é coberto pelo primeiro, assumindo este a autoria de um assalto que não praticou. Trata-se – para Thompson, em *William A. Wellman* (1983) – de “um exemplo precoce do interesse agudo de Wellman na amizade e lealdade entre homens. Que Jack [personagem de NOT A DRUM WAS HEARD] se mantenha ao lado do amigo ao longo de todas as voltas e reviravoltas do enredo confirma a reverência de Wellman pela camaradagem masculina, um

relacionamento que em última análise considera mais sagrada do que a união sexual entre um homem e uma mulher. O digno gesto de Jack antecipa uma dúzia de outros tantos, por vir em muitos Wellman. Personagens em *WINGS*, *YOU NEVER KNOW WOMEN*, *BEGGARS OF LIFE*, *OTHER MEN'S WOMEN*, *CENTRAL AIRPORT*, *THE PURCHASE PRICE*, *MEN WITH WINGS*, *THE GREAT MAN'S LADY*, *THUNDER BIRDS* e outras sacrificam voluntariamente as suas relações românticas para fortalecerem e apoiarem as suas relações fraternais.”

Em *MEN WITH WINGS*, no princípio é o trio. As três crianças, dois rapazes e uma rapariga, crescem com a história e os seus revezes, acompanhando-se até ao fim. O filme abarca o período de uma vida, progride por elipses, mostrando-os em gaitos, jovens adultos e “adultos adultos”, com os seus amores, desamores, uma guerra pelo meio. Os dois rapazes gostam da mesma rapariga desde pequenos, a rapariga também gosta dos dois rapazes mas é só por um que se apaixona, com quem casa e tem uma filha (que ele desejaria homem, ponto que a ninguém abona, deixemos de lado). O amigo é, porém, o que nunca lhe falha e por tanta pena que a rapariga tenha de que não tenha podido ser ao contrário, assim será até ao fim, num pacto que nunca se desmancha. Mas há a mansão onde ela vive, e depois ela e a filha bebé, aberta em vários planos para a grande escadaria que dá para a entrada e leva ao primeiro andar: é o cenário de importante notícias, diálogos, olhares do filme em momentos que vão dando conta de decepções, desgostos, sem que seja preciso que entre Ray Milland e Louise Campbell, nos papéis de Scott e Peggy, muitas palavras sejam trocadas. Ela adivinha, na expressão dele, como o marido, o Patrick, Pat (como depois a filha Patricia), de Fred MacMurray, voltou a partir para a guerra ou simplesmente a partir. É também nesse cenário, no final de uma dessas cenas, que a câmara fica com Peggy para a ver soçobrar, cair de rastos em lágrimas, depois de Scott sair, no plano do filme que permite duvidar se ela não duvidou do acerto da escolha anos atrás. Mas também pode ser um daqueles momentos em que as personagens só se desmancham quando ficam sozinhas, secando as emoções na companhia de outras.

Aviação. Numa vida anterior a Hollywood, William A. Wellman foi aviador da Primeira Guerra e a experiência, essa realidade, passou, como se sabe, para muitos dos seus filmes, directamente desde *WINGS* em 1927. A aviação e a guerra, múltiplas, mas não todas as vezes confluentes, foram chão, melhor é dizer, ar do seu cinema, uma atmosfera que procurou representar no máximo do realismo. E se também graças a essa crueza os seus mais siderantes filmes de guerra seguem a infantaria, como *THE STORY OF G.I. JOE* (1945), que Samuel Fuller descreveu como “o único filme adulto e autêntico produzido por Hollywood durante a II Guerra Mundial”, ou *BATTLEGROUNDS* (1949), outro título maior concentrado na exaustão de um grupo de combatentes, o início desse impulso, ou obsessão, ficou ligado aos aviões de combate. A super-produção de *WINGS*, primeira obra-prima, quando Wellman era ainda um realizador novato, teve que ver com o apelo irreprimível de realismo na representação, por via dos esforços técnicos, humanos, financeiros, de experimentação, de tempo empregues (que a popularidade do filme havia de compensar, em certo sentido salvando-o). Além de todo o aparato mobilizado, treinos, meios, invenções, foi preciso, por exemplo, esperar semanas pelas nuvens certas para filmar dada sequência. “Quisemos alcançar o sentimento de um homem que tenha voado na guerra. A inquietação. Difícil de descrever.” Falando do que sabia, Wellman tê-lo-á afirmado a propósito de *MEN WITH WINGS*, em que essa inquietação se traduz na de Pat, Patrick. Quando, em finais dos anos 1950, Wellman voltou a precisar de imagens aéreas de aviação e combate para o derradeiro *LAFAYETTE ESCADRILLE* (1958), o mais biográfico de todos, foi buscá-las ao material do filme vinte anos anterior que passou do Technicolor ao preto-e-branco.

Em *MEN WITH WINGS*, no princípio é a aviação. Dá-o logo a ver o entusiasmo, a fúria com que um homem corre numa paisagem de neve até chegar a um telégrafo e enviar a notícia para a redacção do jornal local que (não publicando essa matéria) será um cenário de progressão-ligação narrativa – um pouco como a escadaria da mansão de Peggy adulta, mas mais recorrente e vivazmente. É a primeira sequência do filme,

a personagem é o pai de Peggy, um jornalista apaixonado pela aviação que lhe dedica literalmente a vida e cuja existência, tragicamente ceifada, corresponde ao primeiro “capítulo” do filme. Entretanto, despede-se do jornal e traz para primeiro plano a obsessão pelos aviões, por estar certo do futuro, depois de – âncora verídica da história – a 17 de Dezembro de 1903, North Carolina, os irmãos Orville e Wilbur Wright terem realizado o seu primeiro voo de avião. O júbilo inventor da personagem do pai é acompanhado pela filha Peggy (interpretada pela actriz-criança Virginia Weidler, mais conhecida pelos seus papéis seguintes em *THE WOMEN* e *THE PHILADELPHIA STORY* de George Cukor) e os amiguinhos Pat e Scott que a põem a voar a bordo do cesto do engenho que constroem e que puxam campos com a miúda lá dentro, até que o papagaio de papel gigante arraçado de balão esbarre na grande árvore que pouco tempo depois verá o pai dela cair dentro do protótipo aviador que construiu e foi experimentar. A corrida dos três miúdos nessa cena anterior, o susto da pequena, a adrenalina das personagens, alegria dos planos contagia o ritmo do filme, em que uma mulher é, na verdade, a primeira a voar.

A produção de *MEN WITH WINGS*, do próprio Wellman para a Paramount de Zukor, veio de uma proposta, um filme que contasse a história da aviação entre o momento fundador dos irmãos Wright em 1903 e a actualidade de 1938, com o mundo à beira da II Guerra Mundial. O contrato permitia-lhe a escolha de projectos, o estatuto de realizador-produtor, garantia-lhe última palavra para argumento e elenco, que Wellman encontrou em jovens actores do estúdio. Quis Robert Carson para a escrita do guião, contratou Greene e os seus assistentes, garantiu meios de produção avultados, empenhou-se especialmente na reconstituição, veracidade, verosimilhança aeronáutica, em conseguir os aparelhos, e muitíssimo nas sequências aéreas, no seu rigor, na sua coreografia, na sua mise-en-scène. Foram as filmagens mais trabalhosas, ainda que desta vez, ao contrário de *WINGS*, tenha havido duplos e não actores a navegar pelos ares. Para ter as nuvens certas nas cenas certas engendrou um esquema de “olheiros de nuvens” e alertas, contornando o pesadelo em que se haviam tornado as condições meteorológicas na filmagem de *WINGS*. A produção aérea decorreu entre Fevereiro e Maio de 1938, o trabalho – relata William Wellman, Jr. (*Wild Bill Wellman*, 2015) – foi duro e extenuante, teve percalços, mas não foi tomada pela tensão absoluta. Como o filme, em que a personagem de Andy Devine, Joe, camarada de Scott, para quem trabalha, serve o sentido de humor e a desconstracção. A *principal photography* decorreu entre Maio e meados de Julho. Nas cenas aéreas como nas demais, a composição dos planos prima pelo sentido agudo da sua importância.

Na história em terra de *MEN WITH WINGS* é Peggy quem continua o sonho do pai, com Pat, e sobretudo Scott, a construir um avião. As personagens masculinas caracterizam-se por contraste: Pat é o aventureiro tempestuoso tornado aviador que se deixa tomar pela adrenalina da guerra depois de integrar a Lafayette Escadrille no primeiro conflito mundial, acabando por perder a vida na China anos mais tarde; Scott é o aviador-cientista-construtor, o amigo leal que vela pela família de Pat, enamorado por Peggy a quem dá múltiplas provas de amor mantendo a distância de quem sobrevoa a casa dela todas as noites em sinal de presença e consolação. O som nocturno desses voos é um elemento relevante da banda sonora, atravessada por ventos e silvos aeronáuticos. Após a tragédia da notícia da morte de Pat numa guerra longínqua, o desfecho concentra-se no par sobrevivente que cumpre o feito que motiva e alimenta a narrativa. Estava escrito que o final seria pacifista, um elogio à aviação civil em detrimento das possibilidades militares: Peggy erguia a sua voz contra a guerra, contra o bombardeiro construído por Scott, a assumpção de um engano, “Eles vão destruir o mundo, e com a nossa ajuda”.

O apoio dado por instâncias oficiais à produção de *MEN WITH WINGS* volveu-se em pressões sobre o estúdio, com a proximidade da Segunda Guerra. Sem direito contratual ao *final cut*, e com a Paramount a dizer-lhe que o assunto ultrapassava o estúdio, Wellman percebeu que não havia alternativa e alterou, com Carson,

o final pacifista no último momento. Anos mais tarde, o historiador Frank T. Thompson ouviu o depoimento do assistente de realização de Wellman Joseph Youngerman lembrar que o cineasta ainda tentara um final alternativo junto do estúdio, em que não houvesse bombardeiro ou avião, "...só uma rampa ascendente com uma multidão de pessoas de todas as raças e credos embarcando enquanto uma voz anunciava, 'Todos a bordo para a China, Inglaterra, todos os cantos do mundo!'"'. Nem Hollywood nem o mundo concordaram.

Nuvens. No princípio como no fim, muito azuis e desenhadas, mais aparentemente celestiais do que fundo bélico.

Maria João Madeira